

## **Vivências Extra-escolares: Um estímulo para não Praticantes da Educação Física**

Pâmella dos Santos Quinteiro<sup>1</sup>, Gabriela Noronha da Silva<sup>1</sup> e Fabiano Fernandes da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, pamellaquinteiro@hotmail.com <sup>1</sup>Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, gaby-noronhaef@hotmail.com <sup>2</sup>Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG, fabiano.silva@eafmuz.gov.br

### **Introdução**

A educação física (EF) é uma disciplina que trata da cultura corporal de movimento com a finalidade de oportunizar aos alunos a vivência de um conjunto articulado de conhecimentos dessa esfera que inclui os jogos, as danças, o esporte, as lutas, a ginástica e atividades congêneres (FORTES; AZEVEDO; KREMER; HALLAL, 2012).

Kuns & Boscatto (2009), defendem a necessidade de uma proposta de ensino dentro da escola desenvolvendo práticas pedagógicas valorizando a comunicação e oportunizando aos alunos a externarem suas experiências adquiridas. Azevedo Júnior, Araújo e Pereira (2006) alertam que principalmente durante a adolescência, devemos dar uma atenção especial à prática de atividades físicas para podermos reverter o crescente quadro de sedentarismo e suas conseqüências entre as populações. Esta preocupação se justifica, entre outros motivos, pela possibilidade de que as atividades físicas realizadas nessa fase podem representar sua continuidade ao longo da vida adulta.

Sendo assim, o papel do professor se torna fundamental neste processo, desenvolvendo uma pedagogia inovadora rompendo os ideais tradicionais de ensino nas aulas de EF (FARIA et al. 2010). Além disso, é necessário o apoio incondicional da escola para com o trabalho do professor, permitindo-o interdisciplinar a EF com as demais disciplinas, ofertando uma aula mais atraente e motivadora.

Neste século onde encontramos inúmeros desafios para o interesse e a permanência da atividade física no cotidiano pessoal e escolar dos alunos, o presente estudo tem o propósito de estimular e mostrar inúmeras possibilidades que a EF pode oferecer a um grupo de alunos não praticantes de EF em um colégio municipal de Poços de Caldas e aplicar nestes, atividades extras (AE).

## **Material e Métodos**

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e do tipo descritiva. Com base no estudo de Darido (2004), foram selecionadas três questões para observar a relação dos alunos com a atividade física dentro e fora da escola.

Foi aplicado um questionário geral (QG) em 375 alunos (184 matriculados no 8º ano e 191 no 9º ano do ensino fundamental) do Colégio Municipal Doutor José Vargas de Souza, na cidade de Poços de Caldas – MG. Este QG obtinha questões objetivas com intuito de selecionar alunos que não gostavam, não praticavam ou participavam pouco das aulas de EF na escola. Apenas 11 alunos (2,9%) preencheram estes quesitos e foram selecionadas para responderem o questionário específico (QE), com perguntas de análises críticas sobre a EF presente na vida desses alunos.

Após responderem o QE, os 11 alunos selecionados foram convidados a participar de 6 AE com aulas de recreação e jogos cooperativos, lutas e dança, atividades aquáticas, atletismo, musculação e esportes radicais em locais previamente agendados. Ao final das atividades, estes alunos responderam um novo questionário, acerca de suas novas experiências com a EF, havendo também, acompanhamento nas aulas da escola após as AE, onde os mesmos, sem saber, foram observados.

Todos os envolvidos neste estudo foram autorizados pelos pais a participar mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que detalhava os objetivos e procedimentos. O consentimento informado por escrito foi outorgado pela direção da escola e pelos responsáveis dos estudantes, antes do início do estudo. Além disso, todos os procedimentos experimentais adotados atendiam aos preceitos da Lei 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (Protocolo nº 067/2012).

## **Resultados e Discussão**

Os dados referentes ao que os alunos acham das aulas de EF são apresentados na figura 1. Percebe-se que após as AE os alunos consideram as aulas de EF mais legais e mais animadas, além de diminuírem o valor relacionado à perda de tempo.

A melhora apresentada pelos alunos pode estar relacionada ao fato de conhecerem novos conteúdos, seus benefícios e entenderem que a disciplina de EF pode oferecer conhecimentos que lhe serão úteis para a formação escolar e pessoal.

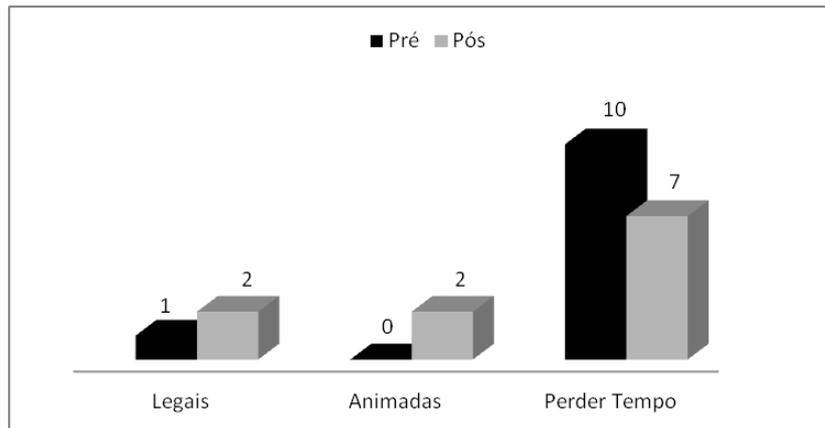


Figura 1. Dados de frequência relativa de acordo com o que os alunos acham das aulas de educação física, Poços de Caldas (MG), Brasil, 2012.

Na figura 2 são apresentados os valores relativos de como os alunos se sentem nas aulas de EF. Uma grande parte dos alunos (6 indivíduos) não se sentia bem nas aulas antes das AE. Após esta oportunidade oferecida neste estudo, apenas 2 responderam que ainda não se sentiam bem, enquanto os valores de “me sinto bem” e “me sinto bem às vezes”, aumentaram para 1 e 8, respectivamente.

Pereira et al. (2010) explica que alguns alunos apresentam condutas de desinteresse a determinados conteúdos e se tipificam pelo não cumprimento de tarefas determinadas pelo professor, ou pela realização dessas tarefas de modo deliberadamente deficiente. Os autores completam que essas ações implicam em oposição ao controle exercido pelo sistema escolar, ao currículo e às normas de convivência em ambiente coletivo. Essa pode ser uma das explicações para os alunos que “não se sentem bem” ou “se sentem bem às vezes”, pois se não há uma afinidade entre o conteúdo da disciplina e o aluno, o mesmo não terá prazer e motivação em participar das aulas.

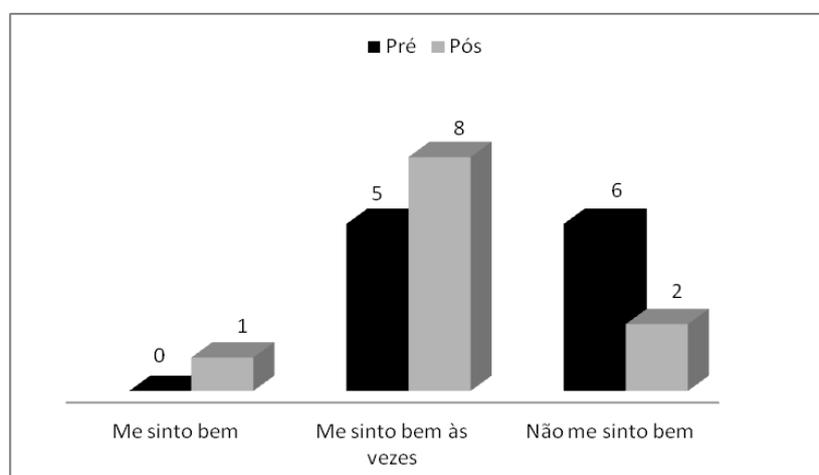


Figura 2. Dados de frequência relativa de acordo como os alunos se sentem nas aulas de educação física, Poços de Caldas (MG), Brasil, 2012.

A figura 3 destaca a relação dos alunos com a prática esportiva fora da escola. Fica evidente o aumento da prática esportiva pelos alunos fora da escola após experimentar diversas oportunidades oferecidas neste estudo.

Era esperado valores baixos para o GE referente a prática esportiva fora da escola pois os indivíduos que não se consideram aptos às habilidades básicas como correr, pular, saltar, não se dispõem a interagir com seus colegas e são inconscientemente dominados pelo pensamento de que não vão conseguir ou não são capazes de executar determinado movimento, surgindo assim a auto-exclusão das aulas de EF. Logo, concluímos que o aluno que se afasta das aulas de EF durante sua vida escolar não terá nenhuma afinidade com a prática de atividades físicas, o que o afastará também das mesmas fora do ambiente escolar.

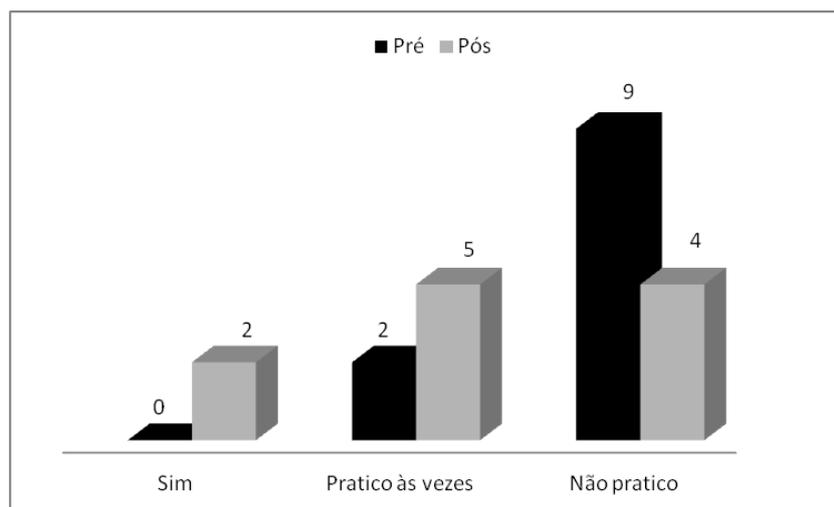


Figura 3. Dados de frequência relativa de acordo com a prática esportiva fora da escola, Poços de Caldas (MG), Brasil, 2012.

O presente estudo originou-se a partir da necessidade de investigar porque alguns alunos do EFII não participam das aulas de EF, visto que a disciplina está estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96), integrada à proposta pedagógica da escola, como componente curricular da Educação Básica.

Alguns trabalhos como de Betti e Liz (2003), mostram que a EF é a preferida dos alunos, porém, é uma disciplina que não recebe a devida importância por parte dos mesmos, fazendo com que a participação efetiva nas aulas caia demasiadamente. Uma pesquisa feita

por Darido et al. (1999) apontou que professores de EF enfrentam dificuldades com a infraestrutura da escola, roupa inapropriada para atividade física, falta de disciplina do aluno, dispensas etc. Diante tantos problemas a EF e seus profissionais se tornam desvalorizados, na escola e na visão dos alunos. São poucas as escolas que defendem a área e norteiam seus docentes para uma educação de qualidade.

A escolha dos locais para a aplicação das AE fora da escola se deu por perceber que o aluno participante do GE normalmente não pratica a aula de EF em seu ambiente escolar e uma oportunidade de praticar no mesmo ambiente que já está habituado não mudaria o cenário. Além disso, mostrar novos conteúdos e em locais diferentes, poderia fazer com que pudessem praticar com maior tranquilidade e efetividade, assimilando com mais clareza os conhecimentos e benefícios das atividades propostas.

A oferta de atividades físicas que despertam a curiosidade e o interesse da população jovem pode certamente, oportunizar os professores a (re) conquistarem indivíduos presentes em sua aula, porém inconscientemente afastados das práticas esportivas.

### **Conclusões**

De acordo com os resultados presentes neste estudo, podemos concluir que, as atividades extras foram consideradas positivas pelo fato de os alunos terem construído, neste período, novos valores para a educação física, reconhecendo o que, de fato, era abstrato. A vivência de novos conteúdos fora do espaço e horário escolar obteve grande sucesso possibilitando aos educandos selecionados, conhecerem ou se aprofundarem da vasta área da educação física e tornando-os críticos em relação aos seus direitos de vivenciarem estes e outros conteúdos possíveis de explorar dentro da escola, porém não ofertados pelos docentes.

Foi possível também a construção de um novo conceito de qualidade de vida desses indivíduos, passando a se orientarem em questão das práticas de atividades dentro e fora da escola. Após as AE verificamos que os alunos do GE passaram a participar mais efetivamente das aulas, com maior interesse pela disciplina e até mesmo com roupas apropriadas, fato que não acontecia anteriormente.

Nós, profissionais da educação física, temos o dever de remover a rotulagem que a disciplina carrega de ser coadjuvante na escola e promover o reconhecimento da mesma evidenciando suas importâncias e benefícios, sendo estes na escola, nas academias, clubes ou comunidades.

### Referências Bibliográficas

AZEVEDO JÚNIOR, M. R.; ARAÚJO, C. L. P.; PEREIRA, F. M. Atividades físicas e esportivas na adolescência: Mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 51-58, jan./mar. 2006

BETTI, M.; LIZ, M. T. F. Educação física escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez., 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional n.º 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.61-80, jan. 2004.

DARIDO, S.C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L.A.; FIORIN, G. Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. **Motriz**, São Paulo, v. 5, n. 2, p.138-145, dez. 1999.

FARIA, B.A.; BRACHT, V.; MACHADO, T.S.; AGUIAR MORAES, C.E.; ALMEIDA, U.R.; DE ALMEIDA, F.Q. Inovação Pedagógica na Educação Física. O que aprender com práticas bem sucedidas? **Ágora para la educación Física y el deporte**, Espanha, v.1, n.12, p.11-28, fev. 2010.

FORTES, M. O.; AZEVEDO, M. R.; KREMER, M. M.; HALLAL, P. C. A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS:Contexto das aulas e conteúdos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 1, p. 69-78, jan./mar., 2012.

KUNZ, E.; BOSCATTO, J.D. Didática Comunicativa: Contribuições para a Legitimação Pedagógica da Educação Física escolar. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 2, p.183-195, 2009.

PEREIRA, F. M.; PINHO, S. T.; NUNES, V. V.; RODRIGUES, J. L. V. AFONSO, M. R. Os escolares detestam os conteúdos ginásticos nas aulas de educação física: Motivos e alternativas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 21, n. 2, p. 209-221, abr./jun., 2010.